

O DÉFICIT DO PODER ARGUMENTATIVO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOB O VIÉS DA INTERNET- O BLOG

Adriana Lins dos Anjos*¹

Considerações Iniciais

Por ser constante a queixa dos professores a respeito das dificuldades de escrita de nossos alunos, especialmente os da escola pública, e freqüentes as reclamações de nossos alunos diante da tarefa de produzir um artigo de pesquisa que almeje a possibilidade de ajudar a “sanar” estas dificuldades.

Paralelamente a este quadro de “constantes reclamações” referentes ao desenvolvimento da produção escrita, há o fascínio dos alunos cada vez maior pela linguagem utilizada em suas interações pela Internet, pois no âmbito virtual, eles se sentem com maior liberdade: a escrita com traços de oralidade. Como também observou-se que a habilidade com o virtual se tornou regra básica para o adolescente do ensino médio que quer ingressar no mercado de trabalho. Assim, achou-se interessante e estimulador o desenvolvimento de uma pesquisa o uso da Internet atrelada à técnica da argumentação, como ferramenta incentivadora às aulas de produção textual.

Argumentação e argumentar

Para Damblon(2005), a argumentação é uma função da linguagem. É uma ação elaborada que pressupõe o domínio de pelo menos três conceitos bastante complexos: o de raciocínio, o de auditório e o de conclusão. Salientamos que esses três conceitos se interligam e são dependentes entre si.

Quando argumentamos, delimitamos uma relação entre um raciocínio e uma conclusão, estabelecendo uma conexão entre ambos. Essa conexão se fundamenta em uma série de representações do mundo que são partilhadas pela comunidade que argumenta; representações verbais que vêm à tona em forma de leis, de princípios gerais, ou de verdades proverbiais. Argumentamos para tomar decisões ou para transformar uma representação do mundo.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul/São Paulo Unicsul E-mail: vividrica@ibest.com.br

Delimitamos o conceito acima de argumentação para ser encaminhado aos nossos alunos, nas aulas de produção textual, especificamente quando for tratado o assunto das técnicas de redação- dissertação. O aluno, de forma geral, não tem este conceito de argumentação consigo próprio, ele só sabe se estabelecer dentro de uma estrutura programada: introdução, parágrafo para desenvolvimento e conclusão, sem questionar o porquê dessa configuração.

Argumentação e argumentar

Damblon (2005), ao tratar de argumentação, observa que, quando argumentamos, delimitamos uma relação entre um raciocínio e uma conclusão, estabelecendo uma conexão entre ambos. Essa conexão, segundo a autora, se fundamenta em uma série de representações do mundo que são partilhadas pela comunidade que argumenta; representações verbais que vêm à tona em forma de leis, de princípios gerais, ou de verdades proverbiais. A autora defende que argumentamos para tomar decisões ou para transformar uma representação do mundo.

Esse é um conceito em torno da argumentação que os alunos, de forma geral, não têm, mas que, acreditamos, precisam ser transmitido a eles. Os alunos conhecem a forma canônica de texto dissertativo argumentativo e sabem, de alguma forma, desenvolver uma estrutura tipo introdução, parágrafo para desenvolvimento e conclusão. Entretanto, eles não questionam o porquê dessa configuração nem a função de cada uma dessas partes; limitam-se a queixar-se de dificuldades para desenvolver seus textos.

Breton (2003) retrata que argumentar é mais do que simplesmente gerar um argumento. É um ato mais globalizante; pois, comunicar é dirigir-se ao outro, propondo-lhe boas razões para ser convencido a partilhar de uma opinião.

Para o autor acima, o objetivo da argumentação é obter que aqui que o público integre e partilhe a ideia do argumentante. Configura-se, assim, a transposição da opinião do orador ao auditório. Devemos considerar riscos para a eficácia desta transposição, tais como:

- o contexto de recepção não foi modificado e, neste caso, não há lugar para a opinião proposta;
- o contexto de recepção foi modificado, mas nenhuma ligação foi estabelecida entre a opinião e o novo contexto.

Argumentar é uma atividade discursiva que, do ponto de vista do sujeito argumentante, de acordo com Charaudeau (2008), implica uma dupla busca: uma busca de racionalidade que tende a um ideal de verdade quanto à explicação de fenômenos do universo e uma busca de influência que vai em direção a um ideal de persuasão. Perelman (1996) classificaria essa busca de racionalidade como uma procura pela objetividade, seja qual for a natureza que corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos.

A persuasão, de acordo com Charaudeau (2008), consiste em fazer partilhar com o outro um universo de discurso a um ponto que o conduza a ter os mesmos propósitos. A argumentação apresenta-se, assim, como um discurso em que os pontos de acordo sobre os quais se apóia, assim como os argumentos avançados, podem dirigir-se, simultaneamente ou sucessivamente, a auditórios diversos. Não só esses argumentos interagem constantemente uns sobre os outros, como também os participantes da interação podem tomar estes mesmos argumentos, e a relação destes ao orador, como objeto de uma nova argumentação.

Além disso, conforme ensina Charaudeau(2008), a partilha de nossas convicções com o interlocutor pode se dar também de outras formas, que não a argumentação; pode ocorrer, por exemplo, por meio da sedução, que recorre a outros tipos de discursos.

Ainda segundo Charaudeau (2008), não podemos confundir o procedimento argumentativo com a tradicional composição escolar que é dividida em: introdução, tese (articulação), antítese, conclusão. Para o autor, a organização interna de uma argumentação, que pode coincidir com o texto todo (o texto exclusivamente argumentativo), ou somente representar uma parte desse texto, é composta de começo, transição e fim.

O começo consiste em um dado, uma palavra a respeito do mundo, cuja função é dar existência aos seres e lhes atribuir propriedades, descrevê-las em atividade ou dentro de fatos. Esse começo se apresenta sob a forma de um enunciado e representa um dado de partida destinado a fazer admitir outro enunciado em relação ao qual o primeiro se justifica. Charaudeau (2008) chama esse enunciado de *dado*, assim como o fez Toulmin (1958, 2001), conforme veremos adiante.

O meio consiste em uma passagem entre o dado e o enunciado final. Mas, segundo ensina Charaudeau (2008), essa passagem não se dá por acaso. É preciso que haja uma relação de causalidade unindo o enunciado inicial (dado) ao final (conclusão). Vale ressaltar que essa passagem representa um universo de crenças, conforme explica o autor. Essas crenças, embora nem sempre estejam explicitadas, precisam ser partilhadas entre os interlocutores, para que a passagem torne válida a argumentação. Esse pensamento vai ao encontro dos postulados de Perelman (1996) e de Breton (2003), para quem o acordo com o auditório cumpre uma importante função na argumentação.

O fim corresponde ao enunciado de conclusão, ou seja, ao objetivo da argumentação, aquilo que desejamos que nosso interlocutor aceite a partir dos dados oferecidos no início e da ligação que estabelecemos entre o início e esse enunciado final.

Para Charaudeau (2008), a argumentação é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes que dependem de uma situação que tem finalidade persuasiva. Charaudeau (2008) ressalta que uma das dificuldades do discurso argumentativo é que ele diz respeito um saber que tenta dar conta da experiência humana, por meio de operações de pensamento. Segundo o autor, diferentemente do discurso narrativo, que pode ser inexato, mas não pode ser anulado, o argumentativo pode ser totalmente anulado pelos seus fundamentos, na sua validade. Esse também é o pensamento de Toulmin (1958; 2001)

Conforme lembra Pinto (2010, p.49), Toulmin(1958;2001), com o intuito de descrever o processo da argumentação, lança, em 1958, obra intitulada *Os usos do argumento*, traduzido para o português em 2001. Nessa obra, Toulmin (1958; 2001) procura descrever a estrutura dos argumentos, investigando de que elementos eles se compõem, que funções cumprem esses elementos e como eles se relacionam entre si. O autor defende que o argumento tem uma estrutura. Tal estrutura, segundo Toulmin (1958, 2001), compõe-se de quatro elementos:

- a pretensão (*claim*) C;
- as razões (*grounds*) G;
- a garantia (*warrant*) W;
- o respaldo (*backing*) B.

Pinto (2010) ressalta que a argumentação, de acordo com Toulmin, seria *uma espécie de encaixe organizado de dados necessários para sustentar uma conclusão/alegação* (Pinto, p.50). É importante observar que um enunciado isolado não constitui argumento ou conclusão, o que dá credibilidade à argumentação é a relação entre ambos, argumento (dado, razões) e conclusão. Só existe conclusão relativamente a argumentos, e a recíproca é verdadeira. A esse respeito, Pinto (2010) lembra que a passagem dos dados à conclusão é autorizada por garantias que representam um fundamento.

Segundo Toulmin (1958, 2001), uma regra de inferência, um princípio geral, evita que sejamos obrigados a acrescentar outros dados e cria uma ponte entre o dado e a conclusão, garantindo a conclusão. Isso quer dizer que a pessoa que argumenta necessita de elementos que sirvam de dados para justificar os pontos de vista que defende. A noção de dados nos remete, dessa maneira, à importância dos conhecimentos prévios do sujeito que argumenta. Tratamos de conhecimentos prévios no capítulo 1, ressaltando a sua importância para o produtor de um texto. Com efeito, aquele que possui poucos conhecimentos a respeito do tema em debate terá menos dados para justificar suas conclusões e, provavelmente, menos condições de vencer o embate argumentativo diante de uma pessoa que seja conhecedora do tema em discussão.

A noção de dado nos remete também à questão da intertextualidade de que igualmente tratamos no capítulo 1. Podemos utilizar elementos intertextuais como dado, isto é, razões que justifiquem a aceitação de determinada conclusão.

Retomando Charaudeau (2008), o argumentativo, como modo de organização do discurso, constitui a mecânica que permite produzir argumentações sob essas diferentes formas. Esse modo tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo, numa dupla perspectiva de razão demonstrativa e razão persuasiva. Essa postura vai ao encontro dos postulados de Toulmin(1958;2001); conforme observa Pinto (2010, p.50) a respeito da teoria de Toulmin(1958;2001), para ele, *o argumento tem essencialmente um valor justificativo*.

A razão demonstrativa se baseia num mecanismo que busca estabelecer relações de causalidade diversas; a segunda, a razão persuasiva, se fundamenta num mecanismo que busca

estabelecer a prova com a ajuda de argumentos que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as asserções umas às outras.

Charaudeau (1992) lembra que uma argumentação é direcionada à parte pensante do interlocutor, sua capacidade de refletir e compreender. O sujeito que argumenta, segundo o autor, passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que ele tenta transmitir ao seu interlocutor para persuadi-lo e modificar seu comportamento.

O pesquisador aponta algumas condições para que haja argumentação:

1. Um propósito sobre o mundo sobre cuja legitimidade haja algum questionamento da parte de alguém;

2. Um sujeito que esteja engajado nesse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade (seja ela própria ou universal, seja apenas uma aceitação ou uma legitimidade) a respeito desse assunto;

3. Um outro sujeito que, ligado ao mesmo propósito, questionamento e verdade, constitui o alvo da argumentação. Trata-se da pessoa à qual se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conseguir com que ele partilhe a mesma verdade (persuasão), sabendo que essa pessoa pode aceitar (pró) ou refutar (contra) a argumentação.

Desse ponto de vista, de acordo com Charaudeau (1992), a argumentação se define numa relação triangular entre um sujeito que argumenta, um propósito sobre o mundo e um sujeito alvo. Podemos afirmar, a partir dos postulados de Charaudeau (2008), que argumentar envolve a intenção de fazer o outro mudar de maneira de pensar e de agir, o que pressupõe não partilha de opiniões inicialmente; quem argumenta busca essa partilha. Para tanto, organizamos nossos discursos, buscamos elementos que reforcem nossos raciocínios, que funcionem como provas a nossos interlocutores. As provas propostas por Charaudeau (2008), conforme observa Pinto (2010), vão ao encontro do valor justificativo que o argumento tem para Toulmin(1958;2001).

Como reconhecer um argumento? Breton (2003) fala que as situações de comunicação que possuem como objetivo convencer são sempre complexas. Este complexo faz do homem um objeto incompreensível para as ciências exatas, ao menos que se leve em conta a força encontrada no uso dos argumentos.

O argumento utilizado como exemplo implica em uma espécie de comparação e é em si mesmo, uma solicitação à autoridade do fato exemplar. Em síntese: tudo se encontra em tudo; podendo até ser discutido o assunto sem cessar, na análise de um texto, sobre o qual é o tipo de argumento que está presente. Toda a peculiaridade da interpretação é produto do fato de haver várias interpretações possíveis.

Podemos constatar que se certos argumentos estão próximos uns dos outros, há famílias de argumentos que se distinguem pela natureza do raciocínio que eles utilizam.

Conforme os postulados de Breton (2003), o primeiro objetivo de um argumento é, então, modificar o contexto de recepção do auditório para introduzir uma opinião. Esta definição implica em que se veja cada auditório como particular. Argumentar-se sempre para um auditório específico faz da argumentação uma arte.

A modificação do contexto de recepção se mantém em duas etapas; o enquadramento e a conexão. A primeira etapa tem como objetivo o estabelecimento do real comum ao orador e ao auditório. Já a conexão construída viabiliza um vínculo entre este acordo (estabelecimento do real comum) e a opinião proposta.

Categoria de análise: Informações concretas conduzem a uma boa argumentação

Por todo tipo de argumentação visar à adesão do auditório, nota-se que há diversas razões para admitir ou rejeitar uma tese podem ser diversas, mesmo a proposição trazendo dados concretos que comprovem sua veracidade. da, o que não é o caso quando se trata da verdade de uma proposição. Aderir a uma tese não significa concordar com ela. Por exemplo, abordou-se o aspecto da conduta do Presidente **Hugo Chaves**, em uma das postagens do blog OPINIAO ESSENCIAL.

domingo, 7 de junho de 2009

Postagem: Qual o principal objetivo do governo polêmico de Hugo Chávez?

"(...)Episódio semelhante a América Latina está enfrentando com a liderança do Presidente Hugo Chaves. A democracia venezuelana já não

existe, o judiciário já foi sucateado, as melissas chagistas estão melhor armadas do que o próprio exército venezuelano uma reação contra o ditador chagista será improdutivo. A justiça já está subjugada ao governo venezuelano, ele já planejou governar a Venezuela mais 20 anos. (...) o Presidente Lula tem se manifestado conivente e apático às ameaças de Hugo Chaves. O Presidente venezuelano já tachou os senadores brasileiros de papagaios de Bush. O Presidente Lula com o seu PT está alienado ao poderio de Hugo Chaves. O governo brasileiro tem se tornado servil e subserviente aos caprichos de Chaves. Após a decisão histórica do STF acatando as denúncias formuladas pelo Procurador Geral da República contra os 40 mensaleiros foi um golpe mortal para o PT. O Partido dos Trabalhadores em recente reunião o Presidente da entidade Ricardo Benzoine pediu a extinção do senado e a convocação de uma Assembléia Popular para elaborar uma nova constituição copiada de Hugo Chaves, com o objetivo de sufocar a democracia no Brasil. No primeiro mandato do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi apresentado um projeto sinistro permitindo a criação de um conselho para controlar a imprensa; o Ministério Público também estava sujeito a um dispositivo que submetesse ao controle do Estado às atribuições do Ministério Público. (...)Felinto Ribeiro felintoribeiroescritor@yahoo.com.br– extraído do site "Jornal Pequeno – o órgão das multidões on line."

Postado por Prô Drica L.A. às [05:58](#)

8 comentários:



[guigo.19](#) disse...

é parece que o hugo chavez quer dominar o petroleo latinoamericano porque ele ameaçou o presidente lula parar de comprar produtos

brasileiros se a petrobras não tirasse a sua equipe da bolivia isso pra mim é querer dominar o petroleo todo

[15 de junho de 2009 18:10](#)



[juliano](#) disse...

não se sabe muito sobre ele mais ele se insinua muito mal, ele transmite uma ignorancia nas entrevistas dadas na televisão podemos se dizer que ele não tem uma intenção muito boa. juliano

[15 de junho de 2009 18:10](#)

Aos argumentos que dizem respeito ao real, conhecido ou presumido, podem ser opostos aqueles que afirmam aquilo que é preferível: os valores, as hierarquias e os lugares do preferível, isto é, juízos de valor. Devido a isto, ao se analisar cada postagem-resposta no blog, deve-se vê-la sob o prisma de juízo de valor: o que é verdade para um usuário, nem sempre permanece a mesma verdade para outro usuário e assim sucessivamente.

Escolheu-se duas postagens do blog OPINIÃO ESSENCIAL sobre o mês de junho/2009, percebe-se que a primeira postagem- **guigo 19**, no dia 15 de junho de 2009, traz erros graves de **conhecimento de mundo**, ao trocar o **sujeito real da ação EVO MORALES**- presidente da Bolívia com o da Venezuela-Hugo Chavez., apesar da postagem está acompanhada de um texto suporte, esclarecendo ao usuário do blog - quem é Hugo Chaves."(...) hugo chavez quer dominar o petroleo latinoamericano porque ele ameaçou o presidente lula parar de comprar produtos brasileiros se a petrobras não tirasse a sua equipe da Bolívia"

Não se pode esquecer de mencionar que os alunos do estado de 2009 receberam todos uma revista extra chamada ATUALIDADES, que foi trabalhada com as aulas que se designavam projeto de apoio às disciplinas de Português, Matemática, Geografia e História. E um dos conteúdos desta revista se tratava da postura do presidente Hugo Chaves na Venezuela. Portanto,

houve falta de leitura prévia deste aluno ao postar, empobrecendo sua argumentação. Pois toda argumentação requer informações concretas, leituras prévias, atualização com a realidade atual.

Já a segunda postagem feita por Juliano(também elaborada no dia 15/06/2009), é simplesmente um texto **opinativo**, porque não trouxe à tona nenhum argumento que fundamente seu posicionamento a respeito de Hugo Chaves, e sim uma **adesão pessoal de Juliano à tese de guigo 19 no que concerne à antipatia à figura de Hugo Chaves, que por coincidência é a mesma vista sobre o olhar da mídia**-. Juliano menciona até a forma de antipatia de Hugo Chaves por intermédio da televisão(“**ignorancia nas entrevistas dadas na televisão**”).

Considerações Finais

Constatou-se que os nossos alunos – especificamente os do terceiro ano do ensino médio têm muita dificuldade em trabalhar com textos argumentativo–opinativos. E um dos motivos é a dificuldade de ampliar a visão de mundo a respeito das atualidades que os envolvem, ou seja, a falta de leitura. Segundo Charaudeau(2008) “argumentar é uma atividade discursiva que, do ponto de vista do sujeito argumentante, participa de uma dupla busca: – uma busca de racionalidade que tende a um ideal de verdade quanto à explicação de fenômenos do universo”

Perelman(1996) classificaria essa busca como uma procura pela objetividade, seja qual for a natureza que corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos.

Para finalizar, a argumentação é uma atividade que cria parâmetros para o raciocínio, mas o que distingue esses procedimentos daqueles de outros modos de discurso é exatamente o fato de que se inscrevem numa finalidade racional e fazem o jogo do raciocínio que é delineado por uma lógica e um princípio de não contradição. E com o uso do blog e a explanação de argumentação em sala de aula paralelamente, o aluno de terceiro ampliará sua visão de mundo; desta forma, a sugestão do presente trabalho diminuirá as dificuldades de elaborar seu texto dissertativo–argumentativo em exames vestibulares.

The deficit of the explanatory power of their third year of high school under the bias of the Internet–blog

Abstract

The present article has been integrant part of a Master “s degree research finished at april/2011 , which has for thematic the use of blog as pedagogical tool in lessons of literal production, from the interaction in virtual environment. Current research comes demonstrating that the digital tools can collaborate for the formation of the subject and, in this way, becomes significant elements for the practical one in classroom. In the pertaining to school quotidian, for example, many times the writing summarizes it the decoding: the pupil writes with difficulties when making inferences and associating the information, for example, the proposal of the examination for college is for a dissertation–argument text but the student develops a opinion text without arguments. Being thus, we observe that the use of blog as one of the pedagogical tools in lessons of text production, has functioned as a stimulation to the writing, extends the “fan of visions of world” to the lessons of text production and stimulating the teaching of the argument in the lessons of writing techniques. We take this conclusion after two years of work (2008/2010)with one blog that it shelters dissertation–arguments texts, in the state public school Esmeraldo Soares Tarquínio (São Vicente/São Paulo). Theoretical basisl: Freire (1985), Miller (2008) and Perelman (1996) .

Keywords: Text written. Dissertation–argument text. Blog; Internet.

REFERÊNCIAS

BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Viviane Ribeiro(tradução).2.ed.Bauru, SP: EDUSC,2003.

CHARAUDEAU,P. **Grammaire du sens et de l’ expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso – modos de organização**. Aparecida Lino Pauliukonis(org),
Ida Lúcia Machado(org). São Paulo: Contexto, 2008.

DANBLON, E. **La fonction persuasive** Antropologie du discours rhétorique Origines et actualité.
Armand Colin. Université Libre de Bruxelles,2002. Argumenter en démocratie, éditions Labor,
2004.

PERELMAN.C.(1996).**Tratado da argumentação**. Maria Ermantina Galvão G.Pereira.São Paulo:
Martins Fontes, 1996.

PINTO, R. **Como argumentar e persuadir*** Prática Política Jurídica Jornalística. QUID JURIS sociedade
editora. Lisboa, 2010.

TOULMIN S. E. **Os Usos do Argumento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 .